

Apresentado no dia 15/9/93 ao GPLF
(Grupo P. Leonel Franca)

O Pe. LEONEL FRANCA S.J.; SAUDADES NO CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO
Pe. Pedro M. Guimarães Ferreira S.J.

Leonel Edgar da Silveira Franca, o Pe. Leonel Franca S.J., é sem favor algum, o mais notável jesuíta brasileiro ou que tenha trabalhado no Brasil neste século, dentre os já falecidos, e uma das mais altas expressões da C. de J. que jamais trabalharam no Brasil, desde que aqui chegaram os primeiros, em 1549, com o Pe. Manuel da Nóbrega à frente.

De família baiana, sobrinho pelo lado materno do grande Bispo D. Antonio Macedo Costa, que defendeu suas convicções até as últimas consequências na chamada "Questão Religiosa" do 2º império, Leonel Franca nasceu no Rio Grande do Sul em 1893, quando seus pais ali estavam de passagem, seu pai trabalhava então como engenheiro na construção de uma estrada de ferro naquele estado. Nasceu no dia 06 (ou talvez dia 07) de janeiro, 3º de uma família de 9 irmãos; Leonardo, Leopoldo, Leonel, Leovigildo (que foi Padre secular), Luis, Leonor, Mário e Maria (gêmeos) e Alberto.

Nasceu no mesmo ano que 2 outros grandes brasileiros, 2 grandes católicos, líderes também de uma geração notável: Alceu Amoroso Lima e Sobral Pinto. Leonel Franca teria papel importante na conversão de AL à fé católica, exercendo a partir de então importante influência sobre aquele que foi provavelmente a figura número um do laicato católico brasileiro deste século.

Em Sobral Pinto a influência foi durante o período escolar, quando ambos eram alunos internos do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Disse-me Sobral que Franca foi o seu "anjo da guarda", quando ele entrou no Anchieta. Sobral haveria de voltar plenamente à Igreja, com militância de verdadeiro líder, bem mais tarde, quando o Pe. Franca já havia falecido.

Nascido no Rio Grande do Sul por um acaso, como foi dito, Leonel faz seus primeiros estudos na capital da Bahia, primeiro num pequeno colégio alemão (onde ele tem um primeiro contacto com a lingua de Goethe) e depois no Colégio Vieira, dos jesuitas. Aos 13 anos (estamos em 1906) após a morte de sua mãe, é transferido para o Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, R.J., também dirigido pelos jesuitas. Era um internato, dos melhores do país, que estava atingindo seu apogeu de fama, celebrizado poucos anos antes pela "Oração aos moços", discurso do paraninfo, Ruy Barbosa. Fundado em 1886, o Anchieta haveria de formar alguns dos melhores quadros, como se diz hoje, da vida pública, civil e religiosa, deste país.

No Anchieta destacou-se sobremaneira pela inteligência e piedade. Mesmo enfrentando a competição de meninos e jovens brilhantes, foi todo o tempo o melhor aluno destacado, a ponto de, segundo me disse Sobral Pinto, arrebatou já no penúltimo ano a medalha para o aluno que tivesse acumulado maior número de prêmios durante todo o curso. (É claro que usualmente tal medalha ia para um aluno de último ano). Apesar de buscar a sabedoria e a santidade, gostava muito de jogar futebol e foi numa partida destas que lhe sobrevem uma primeira crise cardíaca, aos 14 anos de idade, provavelmente resultado de um problema congênito. As crises cardíacas se sucederiam, cada vez com maior intensidade, a partir do início dos anos 20's, levando-o às portas da morte pelo menos 4 vezes antes do colapso final.

Ao final do curso secundário (que naquela época durava 6 anos) ingressa o piedoso jovem na Companhia de Jesus, onde, cada vez mais aprofundou esta piedade destacando-se entre todos os seus pares, não somente pela ciência e sabedoria, mas talvez mais ainda pela piedade de vida.

Os 2 primeiros anos de um jesuíta são dedicados à sua formação espiritual, o Noviciado, ao fim dos quais, pronuncia os primeiros

votos, simples, mas perpétuos. Seguiram-se 2 anos de estudos humanísticos, que naquela época eram centrados nos clássicos em latim e grego. A seguir, o triênio de filosofia, que o então Ir. Franca estudou na Universidade Gregoriana, em Roma, de meados de 1912 a meados de 1915. O ambiente filosófico da Gregoriana de então era 100% tomista; seguindo a orientação de Cátedra de Pedro a partir de 1891, o tomismo se aproximava do seu apogeu renovador neste século, que iria ocorrer nos anos 30's e 40's.

Volta ao Brasil em 1915 para o período de chamado "Magistério". É destinado ao Colégio Santo Inácio, aqui no Rio, onde durante 5 anos lecionou Religião, Filosofia, Química, História Natural, Álgebra, Geometria e Trigonometria. (A única das ciências que não chegou a ensinar, portanto, foi Física). No trabalho de ensino e na assistência à Congregação Mariana exerceu influência profunda e duradora sobre um grande número de jovens. Dois de seus alunos mais brilhantes lhe seguiriam os passos na vocação sacerdotal e religiosa, os PP. Pedro Velloso e Eduardo Magalhães Lustosa. A par disto, ainda encontrou tempo, neste período, para escrever 2 livros, "Apontamentos de Química" e "Noções de História da Filosofia", que se tornaria um "best seller", com 20 edições, duas das quais substancialmente ampliadas.

Em 1920 volta a Roma para o quadriênio de estudos de Teologia. Logo nos primeiros anos escreve, sendo publicado em 1923 no Brasil, outro "best seller", "A Igreja, a Reforma e a Civilização". Em estilo elegante, como eram todos seus escritos, de marcada influência barboseana, e com lógica de ferro, trata-se de um estudo apologético que haveria de ter notável impacto nestes anos 20's durante os quais, segundo Amoroso Lima, ocorreram 3 revoluções: nas letras, na política e religiosa. Esta última consistiu numa recristianização de segmentos importantes da inteligência brasileira, a qual tem seu início simbólico com a Carta Pastoral de D. Sebastião Leme, então Arcebispo de Olinda e Recife, em 1917, e toma ímpeto decisivo sob a liderança de Jackson de Figueiredo nos

anos 20's com o patrocínio e pleno apoio de D. Sebastião Leme, já então Arcebispo do Rio de Janeiro. A publicação de "A Igreja, a Reforma e a Civilização" foi marco decisivo neste processo.

1923 foi também o ano da primeira crise cardíaca que o levou às portas da morte e o ano da sua ordenação sacerdotal. Quase ao final de 1924 é aprovado "summa cum laude" no exame "ad gradum" que abrangia toda a filosofia e a teologia e conferia o grau de Doutor nas duas disciplinas.

Seguem-se 10 meses no chamado "3º ano de Noviciado" ou "3ª Provação", última etapa da formação de um jesuíta, que ele fez na Espanha, durante a qual são feitos pela ~~primeira~~ segunda vez os "Exercícios Espirituais" completos (30 dias) de Sto Inácio.

Voltando ao Brasil em fins de 25, Pe. Franca faz a profissão solene ao início de 26 e é destinado ao Colégio Anchieta para ensinar História da Filosofia, não aos alunos do antigo internato, que não mais existia, mas no Curso de Filosofia dos Jesuítas que estava sendo iniciado naquele ano. Mas fica em Friburgo pouco mais de 1 ano, recebendo mais uma vez a Extrema Unção durante grave crise cardíaca. Em maio de 1927 ele é destinado ao Rio de Janeiro, onde exercerá atividade de valor apostólico e cultural inestimável, até a sua morte, 21 mais tarde. Naquele mesmo ano morreria o Pe. Madureira, grande jesuíta, dos melhores que tivemos no Brasil neste século, e no ano seguinte acidente trágico tiraria a vida do grande líder do laicato católico, Jackson de Figueiredo, sucedido na Presidência do Centro Dom Vital, por Alceu Amoroso Lima, sendo o Pe. Franca designado Assistente Eclesiástico do Centro. Pe. Franca manteria estreito contacto com o Centro até 1936, diminuindo este contacto daí para frente, em função de outras ocupações igualmente importantes e da sua saúde, sempre precária. Assistente Eclesiástico ele foi também, durante esta época, da AUC (Ação Universitária Católica), predecessora da JUC. Pode-se dizer que a AUC foi fundada pelo Pe. Franca em 1929. Mais tarde, ela receberia

maior influência do Mosteiro de São Bento, sob a liderança de D. Martinho Mischler que encabeçava a renovação litúrgica no Brasil. Deste influxo resultariam diversas vocações notáveis para os beneditinos, recém formados em Direito, Medicina ou Engenharia: D. Marcos Barbosa, D. Lourenço de Almeida Prado, D. Inácio Acioly, D. João Evangelista Enout, D. Irineu Pena são alguns dos jovens brilhantes que tanto ilustraram ou continuam a ilustrar a Ordem daquele que é o Patriarca dos Monges do Ocidente e Padroeiro da Europa.

Não é possível falar sobre o Pe. Franca e sua atividade nesta Arquidiocese sem falar no seu Pastor, o Cardeal D. Sebastião Leme da Silveira Cintra. D. Leme, ou D. Sebastião, como preferia dizer Alceu Amoroso Lima, tinha confiança ilimitada no Pe. Franca. Diz-se que não tomava nenhuma decisão importante sem consultá-lo. D. Leme com o Pe. Franca foi certamente o grande líder da Igreja no Brasil daqueles anos. 11 anos mais velho do que o Padre, D. Leme haveria de morrer aos 60 anos em pleno vigor. Ele era antes um homem prático que um intelectual, mas extremamente inteligente e com excelente formação filosófico/teológica. O Pe. Franca completava com sua cultura e erudição, ampla e sofisticada, o que podia faltar a D. Leme.

Além e apesar de sua múltipla atividade como Assistente Eclesiástico (acrescente-se ainda a APC, Associação de Professores Católicos), de orientador espiritual de pessoas, de sacerdote, de conselheiro ad hoc para inúmeros problemas da Igreja e do Brasil, principalmente na área da Educação, de conferencista convidado em inúmeros Congressos, Simpósios, celebrações especiais, etc., Pe. Franca ainda tinha tempo para exercer um profícuo apostolado intelectual através de publicações, várias das quais resultantes das conferências que ia proferindo nas mais diversas circunstâncias. Além dos 2 livros já mencionados, são do seu punho "O Divórcio", "Psicologia da Fé" (uma obra prima de clareza e profundidade), "Alocações e Artigos", "Ensino Religioso e Ensino

Leigo", *"Polêmicas"*, *"Catolicismo e Protestantismo"*, *"O Problema de Deus"*, *"Método Pedagógico dos Jesuítas"*, *"Relíquias de uma Polêmica"*, e a talvez mais profunda de suas obras, escrito de maturidade, *"A crise do Mundo Moderno"*. Além disto, duas traduções primorosas de 2 clássicos da literatura cristã: *"O Livro dos Salmos"* e *"A Imitação de Cristo"*. Curiosamente, estas duas traduções foram as últimas das suas obras. Como observou o Pe. Leme Lopes, ele terminou por onde a maior parte começa, pelas traduções. Todos estes livros foram publicados pela AGIR e é uma pena que hoje em dia, passados menos de 50 anos da sua morte, seja às vezes tão difícil ter acesso a elas.

A formação cristã das inteligências foi sempre o grande alvo de todo o trabalho do Pe. Franca. Dotado de formação acadêmica sem lacunas, ele sabia quão importante é o estudo sistemático e metódico dos problemas. As conferências e discursos proferidos aqui e ali eram sem dúvida uma contribuição para o apostolado intelectual, mas o Pe. Franca sentia que faltava neste país uma Universidade Católica. O Brasil possuía uma rede respeitável, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo, de colégios católicos, mas o ensino universitário era quase totalmente laico e, frequentemente, anti-clerical. Egressos de colégios católicos entravam nas Universidades e frequentemente perdiam a Fé. Incutia-se em muitas partes a noção que a Fé cristã é para pessoas não-esclarecidas, não resistindo à crítica da razão. Urgia assim, na opinião do Pe. Franca, a criação de uma Universidade Católica do Brasil, na qual se processaria a síntese da Fé cristã com a cultura e ciência modernas. D. Leme partilhava plenamente deste anseio e deve ser considerado co-fundador da PUC do Rio.

Ela foi precedida na verdade como "germe modesto" (nas palavras de Amoroso Lima) pelo "Instituto Católico de Estudos Superiores", criado em 1932 no âmbito do Centro Dom Vital.

Os trabalhos preparatórios para a criação da U.C. dos quais aliás

também participou intensamente Amoroso Lima, tiveram o ponto mais alto no Concílio Plenário dos Bispos do Brasil em 1939 presidido pelo Cardeal Arcebispo do Rio, D. Leme. Ali foi decidida, por instância também do Papa, Pio XI, a criação da Universidade Católica do Brasil. Este seria, na intenção de todos, o nome da Universidade.

Em outubro de 1940 o Conselho Nacional de Educação aprovou por unanimidade o funcionamento das "Faculdades Católicas" e no mesmo mes decreto presidencial autorizava a instalação do Curso de Bacharelado da Faculdade de Filosofia. Os cursos começaram portanto em 1941 e no ano seguinte (ou 2 anos depois) tinha início a Faculdade de Direito. Em 1946 decreto presidencial autorizou as Faculdades Católicas a se organizarem como Universidade (Filosofia, Direito e Escola de Serviço Social). Os últimos 8 anos de vida do Pe. Franca se identificam com a vida da Universidade nascente, à qual dedicou toda sua energia, ciência e experiência. Em todo este labor à frente da Universidade Católica, que em 1947 foi, pela Sé Apostólica, elevada à categoria de Pontifícia, O Magnífico Reitor foi eficientemente ajudado pelo Secretário Geral, Pe. Pedro Velloso, que retornara dos estudos teológicos ao Brasil em 1942. Ao mesmo Pe. Velloso se deve também em grande parte a criação da Escola Politécnica, da qual foi o 1º Diretor, 4ª unidade da PUC, cujos cursos tiveram início em 1948, ano da morte do Pe. Franca. Outro colaborador inestimável do Pe. Franca nestes primeiros anos, também seu ex-aluno do Colégio Sto. Inácio, foi o Pe. Eduardo Magalhães Lustosa que dirigiu a Faculdade de Direito e foi o Redator da revista da PUC, "Verbum", até a sua morte prematura, 1947, aos 42 anos de idade.

Qual o segredo do Pe. Franca? Sua inteligência, sua memória? Sua capacidade de trabalho? Seguramente esta, não, pois foi sempre enfermo, proibido pelos médicos de jornadas excessivas de trabalho. Inteligência de escol e memória privilegiada ele certamente tinha. Mas isto não pode explicar um sucesso tão grande e profundo de uma

atividade que debordava os limites do intelectual.

O segredo do Pe. Franca era a santidade. "Morreu um santo", escreveu após a sua morte em artigo memorável Alceu Amoroso Lima. É do Pe. Franca o pensamento que seria, sem que ele o soubesse, a sua "marca registrada", a definição de sua vida: "Com o Absoluto não se regateia. Quem não dá tudo, não dá nada. O sacrifício deve ser holocausto". Estas não foram palavras ditas para outros, mas sim escritas no seu diário espiritual. Palavras vividas no dia-a-dia, muitas vezes heróico. Heróico na paciência, na caridade indefectível. A respeito dele disse o Pe. Arlindo Vieira S.J.: "Quem cumpriu bem a lei da caridade, cumpriu toda a lei, conforme o Evangelho: 'est vinculum perfectionis' (Col. 13, 14). 'Si quis in verbo non offendit, hic perfectus est vir (Tiago 3,2)'. Ora, quem viu jamais o Pe. Franca faltar no mínimo à caridade?" O Pe. Leme Lopes costumava dizer, citando alguém, que ele foi o "Pai espiritual da inteligência brasileira". E terminava assim o mesmo Padre num breve opúsculo comemorativo de 1973, por ocasião do 250º aniversário da morte do Pe. Franca:

"Eis aí em breves traços, o que foi o Pe. Leonel Franca, frágil de corpo, atleta do pensamento e do apostolado, fisionomia calma e serena, como de quem nada sofre, sem que lhe tenha escapado jamais uma palavra áspera ou um gesto de irritação contra quem quer que fosse. Procurava em toda parte aproximar e não dividir. Profundamente humano, porque sempre voltado para Deus."

Na manhã do dia 03 de setembro de 1948 toda a comunidade do Colégio Sto. Inácio se reuniu no seu quarto. Pe. Cerruti lhe administrou a Extrema-Unção pela 5ª e última vez e D. Aquino Correia, Arcebispo de Cuiabá e da Academia Brasileira de Letras lhe deu a bênção papal. Chegou nesse momento seu irmão, Monsenhor Leovigildo Franca. Todos rezaram as orações da agonia. O Pe. Franca com a cabeça inclinada para esquerda ia diminuindo mais e mais a respiração até que às 8:10 contraiu o rosto. "Deixava de bater aquele coração, tão

arrítmico para o corpo, mas que com tão perfeito ritmo batera sempre para Deus"

Referência

Pe. Luiz Gonzaga da Silveira D'Elboux S.J., "O Pe. Leonel Franca, S.J.", Editora Agir, Rio de Janeiro, 1953

Pe. Pedro Américo Maia S.J., "Pe. Leonel Franca", Edições Loyola, São Paulo, 1982

"Pensamentos Espirituais do Pe. Leonel Franca S.J.", Publicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1949

Pe. Francisco Leme Lopes S.J., "Leonel Franca e a sua influência Cultural no Brasil", Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1973, (Homenagem da Livraria Agir, Editora)

1

1

1